



***PALAVRA MULHER: VOZES QUE ECOAM O COMBATE À VIOLÊNCIA
CONTRA MULHERES***

***PALABRA DE MUJER: VOCES QUE SE HACEN ECOS DE LA LUCHA
CONTRA LA VIOLENCIA HACIA LAS MUJERES***

***WOMEN'S WORD: VOICES THAT ECHO THE FIGHT AGAINST
VIOLENCE AGAINST WOMEN***

Évelin Pellegrinotti Rodrigues¹

Paula Regina Costa Ribeiro²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos presentes em vídeos com poesias, do momento poético intitulado “Palavra Mulher”, que integrou o Março Lilás da FURG, em parceria com o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE. O referencial teórico que o subsidia é fundamentado em posicionamentos que entendem o gênero como construções históricas, sociais e culturais, as quais se constituem na correlação de elementos sociais presentes na família, na religião, entre outros, por meio de estratégias de poder/saber. A análise dos enunciados presentes nos artefatos culturais deste estudo, possibilitou evidenciar o currículo desses artefatos e os discursos de gênero que o compõem e que circulam em nossa sociedade, discursos de combate à violência, de respeito aos direitos das mulheres, de igualdade entre homens e mulheres, discursos que ensinam e produzem sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Poesias. Artefatos Culturais. Vídeos.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar los discursos presentes en vídeos con poemas, del momento poético titulado “Palavra Mulher”, que formó parte de la Marcha Púrpura de la FURG, en colaboración con el Grupo de Investigación en Sexualidad y Escuela – GESE. El marco teórico que lo sustenta se fundamenta en posturas que entienden lo

¹Mestra em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande/RS, Brasil. E-mail: evelin.vivo@gmail.com.

² Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Rio Grande/RS, Brasil. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com.

género como construções históricas, sociais e culturais, que constituem a correlação de elementos sociais presentes na família, a religião, entre outros, através de estratégias de poder/conhecimento. O análise dos discursos presentes nos artefactos culturais deste estudo permitiu ressaltar o currículo de estes artefactos e os discursos de género que os compoem e que circulam em nossa sociedade, discursos que combatem a violência, respeitam os direitos das mulheres, a igualdade entre homens e mulheres, discursos que ensinam e produzem sujeitos.

PALABRAS-CLAVE: Género. Poemas. Artefactos culturais. Vídeos.

ABSTRACT

This work aims to analyze the discourses present in videos with poems from the poetic moment entitled “Palavra Mulher” (Woman's Word) that was part of FURG's Purple March, in partnership with the Sexuality and School Research Group – GESE. The theoretical framework that supports it is based on positions that understand gender as historical, social and cultural constructions, which are constituted by the correlation of social elements present in the family, religion, among others, through strategies of power/knowledge. The analysis of the statements present in the cultural artifacts of this study made it possible to highlight the curriculum of these artifacts and the gender discourses that compose them and that circulate in our society, discourses of combating violence, respecting women's rights, equality between men and women, discourses that teach and produce subjects.

KEYWORDS: Gender. Poetry. Cultural Artifacts. Videos.

* * *

Mulher brasileira
 Às 07:00 da matina saia de casa
 Pegava o busão na esquina da praça
 Maria sorria, Maria cantava
 Mais uma manhã que ela enfrentava
 Meio-dia ela continuava
 Sua batalha diária, lavava e passava
 Maria lutava, Maria cansava
 Mais uma tarde assim se encerrava
 Ao fim do dia para casa retornava
 Surpreendida no meio da praça
 Quem é esse cara? Me larga, me larga!
 Sirene ligada, perícia chamada
 Mais uma Maria não voltou para casa
 Violentada, após estuprada, foi assassinada.
 Isadora de Carvalho Silveira

Introdução

Esse artigo faz parte dos estudos de uma tese de doutorado que está em construção no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do

Rio Grande – FURG. Neste texto, temos como objetivo analisar os discursos presentes em vídeos com poesias do momento poético intitulado “Palavra Mulher” que integrou o Março Lilás da FURG, em parceria com o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE.

A epígrafe deste texto é uma das poesias que fizeram parte do momento poético, escrita pela estudante Isadora de Carvalho Silveira³ e enviada para a Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero, promovida pelo GESE. Na poesia, há detalhes marcantes do dia de Maria, “Maria brasileira”, “violentada, após estuprada, foi assassinada”. Isadora retrata, em sua escrita, a alegria que é a vida, mesmo com batalhas diárias e a dor dessa vida ser ceifada pela violência, a poesia movimentava outros saberes, outras discussões e, através dela, podemos fazer algumas problematizações sobre lutas, violências, vivências das mulheres.

Nesse sentido, a partir do referencial teórico que nos ampara, os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero e Sexualidade, nas suas vertentes pós-estruturalistas, compreendemos os vídeos com as poesias enviadas para a Mostra Cultural e que fizeram parte do “Palavra Mulher” como artefatos culturais, ou seja, produções resultantes de um processo de construção social (Joanalira Magalhães, 2008; Paula Ribeiro; Joanalira Magalhães, 2013). Os vídeos, enquanto artefatos culturais, produzem significados que transitam através da linguagem na nossa cultura e constituem os discursos sobre gênero perpassados por verdades que nos educam, nos produzem enquanto sujeitos em diferentes espaços (Marlucy Paraíso, 2010).

Segundo Marlécio Maknamara, o artefato cultural “articula, produz e divulga informações, formas de raciocínio, saberes, valores, afetos e comportamentos que concorrem para a formação de pessoas ao atribuir significados a lugares, coisas, fenômenos, práticas e/ou sujeitos” (Marlécio Maknamara, 2025, p. 183). Ainda conforme o autor,

o currículo de um artefato cultural não-escolar diz respeito àquilo que, nesse artefato, é suficiente para lhe conferir função de “programa educador”, função de selecionador e agenciador de temas, objetos e problemas, função de legitimador de conhecimentos que, sob uma lógica de condução, poderão compor o curso da vida de um indivíduo em uma cultura (Maknamara, 2025, p. 183).

³ Todas as poesias enviadas os/as autores/as autorizam a utilização da mencionada obra, de forma parcial ou na íntegra.

É importante salientarmos os artefatos culturais em constante disputa, imersos em relações de poder/saber. Conseqüentemente, essas relações também são perpassadas pelas questões que envolvem os gêneros e as sexualidades, presentes nas nossas vivências e que se apresentam de diversas maneiras, através de conversas, pessoas com as quais convivemos, ou ainda, em programas de televisão, acesso a conteúdo da *internet*. Assim, somos interpelados/as a todo o momento por diferentes discursos acerca das questões de gênero e sexualidade discursos, muitas vezes, sutis.

Considerando-se que há toda uma maquinaria não-escolar atribuindo significados a lugares, coisas, fenômenos, práticas e sujeitos, tem-se reconhecido que diferentes artefatos culturais constituem um currículo, um currículo cultural que tem sido problematizado por diferentes pesquisas em educação de modo geral e pelas pesquisas curriculares de modo particular. A noção de currículo cultural destaca a importância de serem investigados esses outros currículos que também dão sentido as coisas do mundo e nos produzem enquanto sujeitos (Maknamara, 2020, p. 60).

Nesse sentido, os artefatos culturais nos dão possibilidade de discutir sobre os discursos presentes neles e que constroem um currículo cultural dos gêneros e das sexualidades. Neste estudo, especificamente de gênero, quais suas urgências, suas denúncias, discursos carregados de microrrelações de poder que coexistem nos espaços das instituições sociais, influenciando comportamentos individuais e/ou coletivos, normalizando determinados comportamentos, estando o poder enraizado nesses diferentes discursos. Entende-se que não são somente textos escritos, e sim posturas que colocam em evidência as relações de poder que perpassam a sociedade (Jane Cordeiro Oliveira, 2016).

No estudo, estamos entendendo gênero como uma ferramenta analítica, uma construção histórica, social e cultural, a qual se constitui na correlação de elementos sociais presentes na família, na religião, dentre outros, por meio de estratégias de poder/saber.

Levando em consideração as relações de poder e os discursos nos artefatos culturais e “[...]encontrando a possibilidade de ampliação e alargamento da concepção de currículo nas pesquisas inseridas no campo dos Estudos Culturais, trabalho com a concepção de currículo cultural” (Paraíso, 2001, p. 144). Especificamente de “currículo cultural extraescolar ou não-escolares” (Maknamara, 2020, p. 59-60).

O currículo cultural, segundo Paraíso (2001), é parte de uma “pedagogia cultural”, ele nos ensina, e, entre esses ensinamentos, estão os comportamentos, carregados por valores. Com eles, aprendemos também atitudes adequadas e desejáveis para cada situação, e nesse sentido, os diferentes artefatos culturais, a exemplo de filmes, músicas, desenhos, vídeos, poesias, vêm atuando na constituição das nossas identidades e das nossas subjetividades nas diferentes práticas culturais. “Os diferentes artefatos acionados pela cultura da mídia constituem textos curriculares, textos que precisam ser analisados em suas capacidades de governar e de produzir sujeitos” (Maknamara, 2020, p. 59).

Os currículos, conforme aponta Maknamara (2020, p. 69), “incorporam e produzem significados, saberes, valores e verdades, sendo inevitável estabelecer ligações entre eles e processos de subjetivação”. Alguns saberes vão sendo legitimados e, através das diferentes tecnologias da/de informação, vão circulando na sociedade, tornando algumas discussões acessíveis e presentes em nossos dias. Esses espaços virtuais, como os citados anteriormente, operam com os diferentes artefatos culturais e contribuem para disseminar esses saberes (Viviane Castro Camozzato, 2014).

A *Internet, o Facebook, o Instagram, o Youtube*, são exemplos de espaços que educam e que possuem um currículo não-escolar, cujos saberes circulam e influenciam sobre os diferentes aspectos da vida social e, até mesmo, os domínios invisíveis desses em esfera intelectual, levando-nos a reconhecer a importância da atuação deles em nossos dias (Paraíso, 2001).

E, pensando nessa atuação, na influência desses saberes, que, inspiradas por Maknamara (2020), em seus apontamentos, mobilizamos nosso pensamento em torno da questão que ele traz, “se há tantos currículos culturais não-escolares sendo engendrados na cultura da mídia, por que enfatizar aqueles provenientes” (Maknamara, 2020, p. 60) de uma arte em específico?

Nos estudos do autor, a arte em questão são músicas e, para o nosso estudo, os vídeos. Ainda segundo o pesquisador, é “porque há música na escola” e assim como há música, há também vídeo, vídeo é movimento, é captura de momentos, é uma maneira de colocar em movimento o pensamento, a arte faz parte “da vida de quem vai à escola”, a arte “ensina e faz escola dentro e fora das instituições escolares” (Maknamara, 2020, p. 60).

Compreendemos, assim, que os vídeos com poesias declamadas no “Palavra Mulher”, possuem um currículo cultural não-escolar e que esses artefatos culturais,

quando invadem o *Youtube*, ensinam sobre os direitos das mulheres e alertam para as diferentes violências denunciando-as.

Projetos que mobilizam a produção de artefatos culturais: currículos potentes para pensarmos as questões de gênero

De acordo com o site da FURG (2021), o momento poético surge do projeto “Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero”, do GESE, os desenhos e poesias usados no “Palavra Mulher” são de estudantes de escolas de educação básica da cidade de Rio Grande/RS, enviados para a Mostra Cultural.

A Mostra Cultural foi realizada anualmente, de 2013 até o ano de 2024, com sua 10ª edição. Nos anos de 2020 e 2021 não foram realizadas edições da Mostra, seguindo as medidas preventivas relacionadas à pandemia da covid-19⁴.

Segundo Paula Ribeiro (2019), coordenadora do GESE, a Mostra faz parte das ações de extensão do grupo de pesquisa, que, ao longo de seus 23 anos, vem construindo ações e atuando em parceria com escolas, universidades e outros espaços educativos, por exemplo, em articulação com empresas, tendo como foco o combate à violência, a homofobia, a transfobia, a lesbofobia e as demais formas de preconceitos e discriminações presentes na sociedade.

A Mostra Cultural acontece por meio do envio de trabalhos pelos/as estudantes, essa produção se dá em torno de vídeos, poesias e desenhos, os quais carregam os entendimentos dos/as estudantes sobre as questões de gêneros e sexualidades, mais especificamente nas seguintes temáticas: combate à violência contra mulheres e homens; enfrentamento à homofobia; promoção da equidade de gênero; promoção da cidadania LGBTI+; igualdade de direitos entre homens e mulheres; discriminação e prevenção do HIV/Aids e do uso de drogas.

Os trabalhos enviados para a Mostra Cultural, através das ações do GESE, ocupam não somente o espaço da escola, mas também uma diversidade de espaços outros, ações

⁴ Em março de 2020, o mundo entrou em emergência de saúde pública devido à COVID-19, doença viral causada pelo SARS-COV-2, a transmissão da doença acontece através de secreções como saliva e catarro expelidas quando a pessoa infectada espirra ou tosse, o que intensifica sua potencialidade de transmissão, sendo uma doença grave, especialmente em pessoas com alguma comorbidade.

que buscam pelos desenhos, vídeos e poesias promover problematizações e outros olhares sobre as temáticas propostas pela Mostra.

Pensando nessas possíveis problematizações, segundo site da Universidade, o GESE promoveu o momento poético “Palavra Mulher”, com a proposta da divulgação das poesias voltadas para a temática das mulheres, essa divulgação foi feita na página do grupo no *Facebook*, no canal da universidade no *Youtube* e fez parte da programação do Março Lilás da Universidade, com o tema “Mulheres que ressoam: vozes e corpos que (trans)bordam” (Furg, 2021).

O “Palavra Mulher” foi composto por 7 vídeos publicados no *Youtube*, em parceria com a Secretaria de Comunicação (Secom) da Universidade, a ação começou no dia 9 de março de 2021, com a poesia “Mulher Brasileira”, de autoria da estudante Isadora de Carvalho Silveira e teve a interpretação feita por Débora Amaral, Pedagoga, na ocasião diretora da Diretoria de Arte e Cultura (DAC). O momento poético aconteceu semanalmente as terças-feiras e as poesias, posteriormente publicadas foram “Chega de abuso”, de autoria dos estudantes Eduardo Machado Pinto, com interpretação da coordenadora do GESE, Paula Ribeiro; “A Mulher Violentada”, de autoria do estudante Victor de Souza da Rosa, com interpretação da coordenadora da Coordenação de Bem Viver Universitário (CBVU), Ingrid Donald.

Nas semanas seguintes, foram publicadas as poesias “Uma mulher não objeto”, da estudante Ketelin Veiga dos Santos, com interpretação de Ana Paula Feijó, integrante do GESE; “Direitos de uma mulher”, da estudante Nicole Duarte Silveira, interpretada por Fabiane Caseira, integrante do GESE; “A nossa dança”, da estudante Júlia Rocha Claro, interpretada por Elisa Celmer, Professora da Faculdade de Direito; e, por fim, “Relacionamento abusivo não é amor”, da estudante Tainara Radel Aguirre, com interpretação de Gabrielle de Oliveira, coordenadora de Psicologia Organizacional e Serviço Social da (PROGEP).

Os vídeos aqui apresentados são entendidos como artefatos culturais e produtores de um currículo cultural não-escolar sobre as questões de gêneros. Produzem muitas problematizações sobre o ser mulher e a violência presente na sociedade, rompem os muros das escolas e das universidades e chegam até as redes sociais, como por exemplo o *Youtube*.

Maknamara (2020), ao escrever sobre o currículo em suas pesquisas, inspira-nos para esta escrita, ele aponta que “ao demandar e produzir formas de pensar, dizer e viver modos de ser masculino e feminino” os currículos dos artefatos culturais nos educam em

relação aos gêneros, eles refletem a construção histórica em que “mulheres e homens foram aprendendo seus distintos lugares sociais” (Maknamara, 2020, p. 66).

Para o autor, “insistir na dimensão discursiva do gênero implica em reconhecer que o modo como se fala daquilo que seria pertinente ao masculino e ao feminino produz sujeitos, concorre para a produção de posições de sujeito generificadas (Maknamara, 2020, p. 66). Poderíamos considerar os vídeos um meio para se falar das diferentes formas de violências, das discriminações, da busca pela igualdade de gênero, e uma forma de abalar (in)certezas e movimentar o conhecimento sobre tais temáticas

A produção dos dados: “Palavra Mulher”

Nas nossas pesquisas, procuramos mobilizar o pensamento na produção dos dados e nos enunciados presentes neles, constituindo assim, o levantamento e o recorte para a escrita e análise dos dados. Esse delineamento acontece através da busca por elementos que, além de nos aproximar dos dados, possibilita-nos “transformá-lo em objeto de pesquisa” (Danilo Araujo de Oliveira, 2021, p. 33) perpassado por nossas escolhas, nossos interesses e mobilizados por endereçamentos aos quais nos propomos, em especial para nossos estudos as questões de gênero. O endereçamento “consiste na diferença entre o que pode ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito” (Elizabeth Ellsworth, 2001, p. 47).

A produção dos dados para este artigo se deu na organização do material empírico da tese de doutorado na qual se buscou mapear todas as ações realizadas pelo GESE, nessas 10 edições, a partir dos desenhos e poesias enviadas para a Mostra Cultural. Assim, os vídeos que fazem parte do “Palavra Mulher” foram encontrados por meio das publicações feitas pela FURG em seu site e, posteriormente, no acesso ao conteúdo delas no *Youtube*.

Na sequência, trazemos as capas de cada um dos vídeos e as poesias declamadas neles (Figuras de 1 a 8), compreendendo que está escrita também é uma forma de divulgação desses vídeos e das discussões presentes neles, e que elas não se encerram nestas análises, pois acreditamos que, neles, há multiplicidade de possibilidade para pesquisas.

Figura 1: Capa dos vídeos no *Youtube*

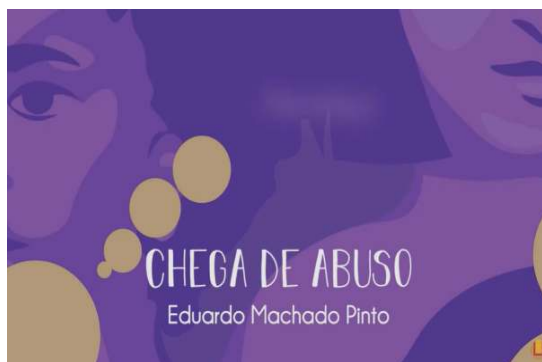
Fonte: Canal do *Youtube* da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Figura 2: Capa do vídeo da poesia “Maria brasileira”

Fonte: <https://youtu.be/VkOqh1NWeQk?list=FLBrwND5NTYc57QwdzH3kknq>

Poesia “Maria brasileira”⁵
 Às 07:00 da matina saia de casa
 Pegava o busão na esquina da praça
 Maria sorria, Maria cantava
 Mais uma manhã que ela enfrentava
 Meio-dia ela continuava
 Sua batalha diária, lavava e passava
 Maria lutava, Maria cansava
 Mais uma tarde assim se encerrava
 Ao fim do dia para casa retornava
 Surpreendida no meio da praça
 Quem é esse cara? Me larga, me larga!
 Sirene ligada, perícia chamada
 Mais uma Maria não voltou para casa
 Violentada, após estuprada, foi assassinada.

⁵ Destacamos que o título da poesia é “Maria Brasileira” houve um erro na capa de divulgação.

Figura 3: Capa do vídeo da poesia “Chega de abuso”

Fonte: <https://youtu.be/Ouv3uVskP5U?list=FLBrwND5NTYc57QwdzH3kkng>

Poesia “Chega de abuso”

Olha para ela, está entrando em depressão
 É xingada com palavrões todos os dias
 Apanhava todos os dias
 Daquele que amava
 Sua vontade é morrer
 Mas uma reportagem na tv a encorajou
 Ligou 180 e denunciou
 Sua força e determinação a levará longe, até seus sonhos!

Figura 4: Capa do vídeo da poesia “A mulher violentada”

Fonte: <https://youtu.be/d8lj4hYdNlk?list=FLBrwND5NTYc57QwdzH3kkng>

Poesia “A mulher violentada”

A mulher é violentada
 toda vez que perde sua individualidade
 sua dignidade
 quando perde o poder de decisão sobre seu corpo
 meu desejo é que todas as mulheres
 não só hoje
 mas todos os dias
 sejam livres de qualquer violência
 que não os sejam negados direitos à vida
 que sejam associadas ao respeito e dignidade.

Figura 5: Capa do vídeo “Uma mulher, não um objeto”

Fonte: <https://youtu.be/iWrVnHqoDAM?list=FLBrwND5NTYc57QwdzH3kkng>

Poesia “Uma mulher, não um objeto”

Sou uma mulher
 E eles me veem
 Como um objeto
 Pronta para ser
 Usada e abusada.
 Sem poder reclamar,
 sem os meus direitos
 reivindicar,
 para como uma
 escrava do mundo
 eles possam me tratar!
 Mas vou lutar,
 Vou estudar,
 Vou trabalhar,
 para no final
 essa luta ganhar!

Figura 6: Capa do vídeo “Direitos de uma mulher”

Fonte: <https://youtu.be/Z6Mt5gnfVrY?list=FLBrwND5NTYc57QwdzH3kkng>

Poesia “Direitos de uma mulher”
 Fui criada por uma mulher
 E eu não tenho direito de desrespeitar nenhuma delas

Quero respeito e igualdade
 Mulher deve ser respeitada e não humilhada
 Mulher descansada e não escravizada
 Mulher com identidade e não desigualdade
 Mulher quer menos machismo
 Uso boné, uso chapéu, não existe de menino ou menina
 Uso camisa larga, uso bermuda, é isso
 Não preciso ser sexy porque gosto de mim assim
 Nada vai me mudar: sou assim!
 Ando de moto, ando de carro
 Não tenho medo de homem algum
 Leio jornal no café da manhã
 Faço academia, fico em casa sim na mordomia.

Figura 7: Capa do vídeo “A nossa dança”



Fonte: <https://youtu.be/MXij3BzNNbg?list=FLBrwND5NTYc57QwdzH3kkng>

Poesia “A nossa dança”
 Passos para cá
 Passos para lá
 Nós dois estávamos a dançar
 Mas eu queria parar
 Para não me machucar
 Passos para lá
 Passos para cá
 Ele estava a me matar
 Mas morta eu não podia ficar
 Tinha que relatar, para não gritar
 não me calar, fazer ecoar e viva ficar
 Um grito estridente
 num choro abafado
 Faziam eu me cansar
 de tanto chorar!

Figura 8: Capa do vídeo “Relacionamento abusivo não é amor”

Fonte: <https://youtu.be/X7x4ex2KeGc?list=FLBrwND5NTYc57QwdzH3kng>

Poesia “Relacionamento abusivo não é amor”
 Primeiro ele te critica
 Te isola dos amigos
 Acaba com tua autoestima
 Depois ele te convence que tuas virtudes são angústias
 Pera aí amor
 Relacionamento abusivo não é amor

Poesias e Vídeos que Ressoam: Palavra Mulher

Os vídeos apresentados pelo SECOM/FURG, em parceria com o GESE, têm, em suas edições, a cor lilás e círculos em tom de bege que dão destaque às imagens das mulheres, 4 mulheres de rostos marcantes, cabelos de comprimentos e texturas diferentes uns dos outros, acompanhadas do tema em alusão ao Março Lilás, ano que aconteceu o “Palavra Mulher” – 2021, e ainda “Dia Internacional da Mulher” e “FURG”, com símbolo da mesma, em seguida, aparecem título da poesia a ser declamada, acompanhado do nome de autoria.

Destacamos a importância do “Dia Internacional da Mulher”, que segundo Eva Alterman Blay (2001), foi proposto por uma líder comunista alemã em 1910, consolidando a luta que começou com o movimento de operárias na virada do século 19 para o 20. Atualmente, essa data representa a reivindicação por igualdade de direitos entre mulheres e homens. Ainda de acordo com Blay, quando proposto o “Dia Internacional da Mulher” pela líder Clara Zetkin, não havia uma data definida, mas, por conta de acontecimentos históricos como a manifestação de cerca de 90 mil operárias contra as más condições de trabalho, fome, entre outros, a data passou a ser considerada. Esse protesto ficou conhecido como “Pão e Paz”, assim, o dia 8 de março passou a ser constantemente lembrado como o dia da mulher. Mas só foi considerado oficialmente

“Dia Internacional da Mulher” em 1975, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou como essa a data (2001).

Sendo assim, o mês de março foi consolidando-se como o mês das mulheres e, posteriormente, “Março Lilás”, simbolizado pela cor lilás, resultante da mistura das cores rosa e azul. A cor representa a luta feminina por direitos e igualdade, o lilás foi usado pelas sufragistas para identificar a luta pelo direito ao voto, sendo adotada pelo movimento feminista na década de 1960 (Brasil, 2022).

Esse dia foi declarado não somente para celebrar esta data, ou melhor, o “Março Lilás”, mas para fazer dela espaço para que as mulheres, com suas vozes, contem suas histórias, suas dores e possam combater e denunciar violências.

O “Palavra Mulher” nos contempla 7 poesias declamadas por mulheres, cada uma com sua força, que inspiram outras mulheres, professoras, doutoras, coordenadoras, envolvidas com as questões referentes à educação, ensino, pesquisa e extensão, que compreendem a importância desse momento para que as questões presentes nos vídeos alcancem outros espaços.

As poesias escolhidas, assim como o tema do Março Lilás da Universidade “Mulheres que ressoam: vozes e corpos que (trans)bordam”, carregam as marcas das lutas das mulheres na busca por ressoarem por todos os espaços suas vozes, transbordando múltiplos corpos, com suas dores, angústias, sofrimentos, mas também com muita esperança e luta.

Nos trechos das poesias, uma amálgama das violências sofridas por diversas mulheres e palavras que buscam mudanças, as poesias “Mulher brasileira”, “A nossa dança”, “Relacionamento abusivo não é amor”, estão carregadas pelas marcas das violências, retratam a morte, o abuso, o medo presente em nossa sociedade, vivências diárias e recorrentes.

As poesias “Direitos de uma mulher”, “A mulher violentada”, “Chega de abuso”, “Uma mulher, não um objeto”, além das marcas dessas violências citadas nas poesias anteriores, carregam exemplos da sociedade que queremos para nós mulheres.

Segundo Cristina Stevens (2017), uma busca por construir caminhos para mudanças, coloca em foco o tema da violência, as mulheres conscientes da importância das discussões em torno do tema tomam para si “[...] a posição de sujeito dessas construções [...]” (2017, p. 294).

O trecho a seguir aponta para essas construções que, por muito tempo, interpelaram as mulheres, muitas vezes, cansadas, mas que só tinham como saída aguentar

as lutas por sobrevivência: “Meio-dia ela continuava, sua batalha diária, lavava e passava, Maria lutava, Maria cansava”, as mulheres foram sendo colocadas nessa posição de sujeito batalhador, que faz tudo em casa e fora dela, ela lava, ela passa, ela cozinha, ela luta, ela cansa, mas quem vê esse cansaço?

Exatamente quando mulheres tomam essas discussões para si, as problematizações acerca dessa construção ganham força. Dessa maneira, possibilita-se problematizar as construções de gênero que naturalizaram, por exemplo, tarefas domésticas como responsabilidade apenas das mulheres, limpar e cozinhar diariamente, além disso a atribuição do cuidado aos filhos e às filhas, atribuídos somente a elas.

Seria essa uma maneira de limitar a participação social das mulheres? De certa forma sim, pois, com diferentes obrigações domésticas, foram impossibilitadas de trabalhar fora do lar. As poesias nos apontam essas questões, elas nos fazem pensar que, além de cansada, essa mulher ainda enfrenta o medo de não chegar em casa, pois, quando, por meio de muita luta, essa mulher consegue alcançar um trabalho, um meio de remuneração, ela fica ainda mais exposta às violências.

As poesias nos apresentam formas dessas violências sofridas por diferentes mulheres, a busca por direitos, uma luta contra o constante desrespeito a direitos e oportunidades, pela igualdade na educação, nas profissões, na remuneração e na política. Fomos, ao longo dos anos, vendo alguns avanços, mas eles são muito pequenos quando olhamos para as violências físicas, psicológicas, entre outras, cometidas, muitas vezes, pelos companheiros, maridos, aqueles que fazem parte da vida dessas mulheres.

Nos trechos das poesias “Chega de abuso”, “Uma mulher, não um objeto”, “A nossa dança” e “Relacionamento abusivo não é amor”, podemos observar os aparentes traços das violências sofridas por mulheres através dos seus companheiros, escritas que relatam os abusos e suas marcas “Apanhava todos os dias, daquele que amava”; “Usada e abusada”; “Ele estava a me matar”; “Te isola dos amigos, acaba com tua autoestima”, violências que geram números alarmantes diariamente, publicados em relatórios anuais.

De acordo com o Observatório Brasil da Igualdade de Gênero (2023), aproximadamente uma em cada três mulheres sofreram ou sofrem violência física ou sexual por parte de seus parceiros, e 38% dos assassinatos dessas mulheres são cometidos por esses parceiros. Ainda conforme dados do Observatório, em 2022, foram registrados, no Rio Grande do Sul, 13 mil casos de violência contra mulheres, sendo 46% desses casos de violência física.

Segundo Ana Maria Colling “[...] apesar das leis igualitárias, como a Constituição de 1988, a Lei Maria da Penha e a Lei Anti-Feminicídio, ela teima em permanecer, porque estabelecida na cultura” (2020, p. 172). A violência foi sendo normalizada por meio de discursos, constantemente repetidos, quem nunca ouviu a frase “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”?, um ditado popular que ganhou novo formato e passou a ser problematizado, mas que, em seu discurso, por muito tempo, foi disseminado, levando até hoje pessoas a acreditarem que não devem interferir quando se deparam com casos de violência.

Segundo Ana Maria Colling (2020), as mulheres não tinham seus direitos garantidos, e, até mesmo através da constituição, não eram reconhecidas com devida dignidade. “As Ordenações Filipinas e o posterior Código Civil de 1916 implementado em 1917, que permitia castigar a mulher e até assassiná-la ainda é muito presente porque, pela sua longevidade e pelos diversos discursos legitimadores” (2020, p. 173) foram constituindo sujeitos e construindo relações de gêneros presentes até hoje em nossa sociedade.

Homens assassinando suas ex-mulheres, ex-noivas, ex-namoradas, ex-companheiras, ex-amantes que se negaram a continuar os relacionamentos. Homens que matam mães em frente aos filhos, quando não matam inclusive os filhos, tirando suas vidas em ato posterior. Mulheres machucadas, queimadas, violentadas dando parte em delegacias de mulheres, ou calando-se por variados motivos. Violências simbólicas que não são representadas em atos físicos, mas que machucam tanto quanto, são também atos do cotidiano (Ana Colling, 2020, p. 172).

Conforme Bruna Krimberg Von Mühlen e Marlene Neves, uma grande parcela das mulheres vítimas de violência são agredidas por seus companheiros, sejam eles namorados, maridos e, muitas delas, quando denunciam os agressores, acabam assassinadas. “Em vários países, uma em cada três mulheres que tenta obter a separação é assassinada, e 40% a 70% dessas mulheres são assassinadas pelos companheiros íntimos” (Von Mühlen; Neves, 2013, p. 230). Quando buscamos dados atuais para comparação, podemos perceber essa realidade ainda presente, segundo a Organização das Nações Unidas do Brasil (2024), no mundo, em 2023, 85.000 mulheres/meninas foram mortas, 60% desses homicídios cometidos por seus parceiros íntimos ou por um membro da família. Esses dados apontam, ainda, 140 mulheres/meninas mortas todos os dias, o equivalente a uma mulher/menina assassinada a cada 10 minutos.

Para Bruna Krimberg Von Mühlen e Marlene Neves (2013), são inegáveis os avanços feitos através das lutas das mulheres contra as diferentes violências, o alcance de políticas públicas voltadas para essa problemática, e a relevância da implementação da Lei Maria da Penha no combate à impunidade em relação a quem comete tais violências. As autoras apontam ainda que a Lei foi criada em 2006, com inspiração na “Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher”, a qual tipificou as violências de gênero, um meio para amparar as mulheres vítimas de violência. “Representando uma ruptura às restrições do conteúdo das denúncias acolhidas nas Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher, antes apenas condicionadas à ordem da violência doméstica, sem atender a complexidade dos casos e seus desdobramentos” (Von Mühlen; Neves, 2013, p. 233).

Destacamos que:

Foi a denúncia de Maria da Penha Maia Fernandes à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da Organização dos Estados Americanos (OEA), que resultou na condenação do Brasil por negligência e omissão em relação à violência doméstica, que levou à revisão das políticas públicas atinentes à violência contra a mulher e, por consequência, ao surgimento da Lei 11.340/2006 (Paula Teles, 2012, p. 110).

Sem dúvidas, um marco na luta contra a violência, que possibilitou muitos avanços, a Lei Maria da Penha é um importante instrumento para prevenção à violência, um meio de resguardar mulheres na busca pelos seus direitos e acesso a eles quando necessário.

Em reconhecimento, Maria da Penha Maia Fernandes emprestou seu nome à lei que criou mecanismos de proteção contra a violência doméstica e familiar sofrida pelas mulheres e que hoje, ao contrário de muitos diplomas legais, é conhecida do povo e demonstra efetividade, mudando a história da violência de gênero no país. A Lei 11.340/2006 transformou o tratamento legal dado aos casos de violência doméstica, tornando-os crime, e denunciou o cotidiano de violência a que as mulheres são submetidas, fomentando não só a denúncia por parte da vítima, como também por toda a sociedade (Teles, 2012, p. 110).

Segundo Luis Felipe Hatje (2023), a Lei foi sofrendo algumas mudanças e, em 2020, passou a viabilizar, como medida alternativa, a privação de liberdade para autores de violência doméstica a participação em centros de educação e reabilitação mediante o comparecimento obrigatório a programas de recuperação. Essas medidas podem ir ao encontro das palavras de Ana Carolina Querino (2024), Representante Interina da ONU

Mulheres no Brasil: “Transformar normas sociais que criam as condições de tolerância para a violência, principalmente aquelas ligadas à organização social do patriarcado e assimetrias de poder com base no gênero, também é absolutamente indispensável” (Brasil, 2024). As palavras de Ana Carolina nos dão caminhos para algumas mudanças e fazem refletir sobre a construção de condições que tencionem normas sociais, por muito tempo, toleradas e geradoras de discursos que, em alguns momentos, amenizavam suas marcas. Esses discursos, “apesar da luta incansável de movimentos organizados de mulheres, de progressos na legislação e de avanços em estudos e pesquisas sistemáticos sobre o problema”, levam-nos a conviver com essa condição inaceitável em nosso país e no mundo (Cristina Stevens, 2017, p. 297).

A participação efetiva de mulheres nos espaços de poder e decisão também é ponto importante de tencionamento de normas sociais que toleraram as violências, mobilizando ações em torno das leis criadas para combate à violência de gênero. A presença das mulheres nesses espaços, sejam eles sindicatos, instituições religiosas, partidos políticos, na busca por ocupar cargos e mandatos eletivos nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Tudo isso com a finalidade de alcançar mudanças nesses cenários instituídos de cultura política majoritariamente masculina e um funcionamento de políticas para as mulheres que favoreçam as relações sociais pautadas na equidade de gênero (Von Mühlen; Neves, 2013).

Enquanto ferramenta que reconhece a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, busca-se eliminar desigualdades e construir condições para desenvolver o potencial de ambos e a construção de uma sociedade justa, promovendo o reconhecimento das mulheres em espaços antes “incomuns” a elas, com base em construções culturais que as excluam e deslegitimavam a participação delas. Principalmente quando esses espaços são de tomada de decisões, até recentemente elas estiveram, de alguma maneira, ausentes de muitos debates, sobremaneira em relação às questões políticas e econômicas. Foram muitas as conquistas das mulheres em termos de participação social e de lutas por mais avanços. Um dos objetivos de desenvolvimento da ONU, inclusive, trata sobre a igualdade de gênero para promover os direitos das mulheres e garantir a equidade em todas as áreas da vida.

Destacamos a promoção da equidade e das discussões como pontos importantes para combater a violência de gênero, salientamos a relevância do currículo cultural dos artefatos culturais analisados e seus discursos de combate à violência, de respeito aos

direitos das mulheres, de igualdade entre homens e mulheres para que possamos vislumbrar dias melhores.

Para finalizar: vídeos que transbordam, ressoando vozes e resistências de mulheres

Os vídeos com poesias são compreendidos como artefatos culturais e que possuem um currículo cultural não escolar, com pedagogias, que produzem sujeitos e que estão em disputa por diferentes discursos, carregados por uma potência de disseminação desses em diferentes espaços como nas “bibliotecas, nos museus, nas propostas político-pedagógicas, nas diferentes formações, na pesquisa educacional, na internet, nos jogos, nas brincadeiras, na mídia, no cinema, na música, na cultura, no cotidiano” (Paraíso, 2010, p. 37). Os vídeos do “Palavra de Mulher” nos possibilitam pensar nas questões de gênero, nos diferentes espaços e nas diferentes expressões culturais, levando-nos pelos caminhos das nossas problematizações em que “o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero” (Tomas Tadeu da Silva, 2014, p. 97).

Os discursos de combate à violência, de respeito aos direitos das mulheres, de igualdade entre homens e mulheres, trazidos nos artefatos culturais aqui analisados, nesta escrita, na escrita das poesias, declamadas nos vídeos, impulsionam a procurarmos, através das nossas pesquisas, possibilidades para que as diferentes relações de poder e as questões que envolvem as temáticas de gênero sejam tencionadas, a fim de que as inquietações sobre elas possam ser pensadas a partir desses outros espaços, sejam eles vídeos, músicas, desenhos, poesias, entre outros...

Esses vídeos carregados de resistências, aqui são entendidas com inspiração na escrita de Marluce Paraíso, “como força que move, atravessa, que torce e se alimenta de outras forças com o intuito de aumentar a potência dos corpos. É efeito de encontros capazes de mobilizar forças; é força inventiva que move e cria possíveis” (2016, p. 389). Ou seja, possíveis para o currículo não-escolar, possibilita a construção de saberes sobre o combate às violências contra as mulheres, modos de resistência. Para Paraíso (2016), são uma maneira de dizer “chega! Eu não aceito mais isso! E mostra, com sua recusa, que considera injusto o risco de sua vida. A resistência abre espaços, abre caminhos, cria possibilidades. A resistência cria um reexistir, ou seja, um existir de um outro modo” (2016, p. 389).

Ao ressoar através dos vídeos, as vozes das mulheres transbordam essa resistência, possibilitam disseminar maneiras outras de ser e viver das mulheres, de diferentes mulheres, da multiplicidade que é ser mulher, das suas vivências, desabafos, marcas das violências sofridas, denunciam mortes como uma maneira de eternizar as “Marias Brasileiras”, como bem pontuado em uma das poesias declamadas. Uma resistência cheia de esperança, que, ao denunciar, também tem muitos pedidos por mudanças. Destacamos, por fim, que as mulheres querem essas mudanças e elas as buscam diariamente.

Referências

- BRASIL. Organização das Nações Unidas Brasil. Uma mulher ou menina é morta a cada 10 minutos por seu parceiro íntimo ou membro da família. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/uma-mulher-ou-menina-e-morta-a-cada-10-minutos-por-seu-parceiro-intimo-ou-outro-membro-da-familia/>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- BRASIL. Serviços e Informações do Brasil. Combate à violência contra a mulher será incluído no currículo escolar. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/06/combate-a-violencia-contra-a-mulher-sera-incluido-no-curriculo-escolar>. Acesso em: 3 ago. 2024.
- BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Março Lilás: mês da mulher e de combate ao câncer de colo do útero. 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.tjsp.jus.br/Noticias/Noticia?codigoNoticia=80693#:~:text=Resultado%20da%20mistura%20entre%20o,foi%20adotada%20pelo%20movimento%20feminista>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- COLLING, Ana Maria. Violência contra as mulheres – herança cruel do patriarcado. *Revista Diversidade e Educação*, v. 8, n. Especial, p. 171-194, 2020. DOI: 10.14295/dev8iEspeciam10944. E-ISSN: 2358-8853.
- OLIVEIRA, Danilo Araujo de. “Cavalgar sem sela”: ensinamentos, demandas e incitações do currículo bareback em oposição às normas do uso do preservativo. 2021. 309 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. p. 8-76, 2001.
- HATJE, Luís Felipe; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; COSTA RIBEIRO, Paula Regina. Grupos reflexivos para homens autores de violência: estratégias de governamento. *Cadernos Cajuína*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. e249343, 2024. DOI: <https://doi.org/10.52641/cadcajv9i3.370>. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/370>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Por que os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar? Analisando a rede de discursos das neurociências quanto às questões de gênero em alguns artefatos culturais. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/15947>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos culturais: algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. *Revista Diversidade e Educação*, v. 1, n. 1, p. 45-46, jan./jun. 2013.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, p. 230-245, jun. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14189>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MAKNAMARA, Marlécio. Formação como subjetivação: docentes de ciências diante da cultura ecologista em espaços verdes urbanos. *Sisyphus – Journal of Education*, Lisboa, v. 13, n. 1, p. 176-196, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.38239>.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). GOV, Ministério das Mulheres. Portaria: enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres. [S. l.], 6 out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/aceso-a-informacao/observatorio-brasil-da-igualdade-de-genero/painel-de-indicadores-2/enfrentamento-de-todas-as-formas-de-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 14 ago. 2024.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de. “Cavalgar sem sela”: ensinamentos, demandas e incitações do currículo bareback em oposição às normas do uso do preservativo. 2021. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte.

OLIVEIRA, Jane Cordeiro. Conhecimento, currículo e poder: um diálogo com Michel Foucault. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 23, n. 2, p. 390-405, jul./dez. 2016. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rep. Acesso em: 7 ago. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e mídia: a produção de um discurso para e sobre a escola. *Educação & Realidade*, Belo Horizonte, n. 34, p. 67-84, dez. 2001. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982001000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 jun. 2025.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). *Lazer em estudo: currículo e formação profissional*. Campinas: Papirus, 2010. p. 27-58.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 7 ago. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Currículo, território e diferença*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STEVENS, Cristina. Mulheres e violência na literatura contemporânea: da resistência à reexistência. In: STEVENS, Cristina; SILVA, Edlene; OLIVEIRA, Susane de; ZANELLO, Valeska (Org.). *Relatos, análises e ações no enfrentamento da violência contra mulheres*. Brasília, DF: Technopolitik, 2017.

TELES, Paula do Nascimento Barros González. Lei Maria da Penha – uma história de vanguarda. In: ESCOLA DA MAGISTRATURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – EMERJ. *Curso capacitação em gênero: acesso à justiça e violência contra as mulheres* [Série Aperfeiçoamento de Magistrados 14]. Rio de Janeiro: EMERJ, 2012. p. 110-112.

VON MÜHLEN, Bruna Krimberg; NEVES, Marlene. Avanços e retrocessos no combate da violência contra mulheres. *Athenea Digital: Revista de Pensamiento e Investigación Social*, v. 13, n. 2, p. 229-237, jul. 2013.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em junho de 2025.